

“ Assim, muita rede de desinformação, de preconceito, de discriminação, circula a partir da internet.

Então, estar na internet, promovendo esse tipo de conteúdo, facilitando que as pessoas tenham acesso ao seu próprio passado, que possam fazer suas pesquisas sobre lesbianidade, eu acho que nesse sentido a gente pode dizer sim, que é uma forma de ativismo virtual. De certa forma, acho que acaba sendo também uma questão que tem um... Como eu posso dizer? Acho que é uma maneira segura de as pessoas encontrarem essa informação.

Paula Évelyn Silveira Barbosa

Entrevista com Paula Évelyn Silveira Barbosa

Entrevista e transcrição:
Kleire anny pires de souza
Isabel Ceccon lantas

| KLEIRE - Olá, tudo bem? Bom dia, hoje é dia 15 de junho de 2021, 8:23, do horário do Mato Grosso do Sul, e 9:23, do horário de Brasília. Hoje, nós estamos realizando a entrevista com Paula Évelyn Silveira Barbosa, representante, uma das fundadoras do arquivo lésbico brasileiro. Essa entrevista será publicada na Revista COR, na primeira edição. Paula, se você puder se apresentar brevemente para a gente, por favor.

| PAULA - Bom dia. Primeiro, obrigada pelo convite para falar para a revista. Bom, minha apresentação... Eu sou jornalista, me formei na UnB, depois eu fiz mestrado em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa, e, atualmente, eu sou diretora do Arquivo Lésbico Brasileiro. Como a Kleire já falou, fui uma das fundadoras,

presidi a comissão de fundação, e estou aqui para compartilhar com vocês o que vocês quiserem saber.

| KLEIRE - Então, Paula, eu já vou passar para as perguntas. Essas perguntas foram elaboradas por mim e pelo pessoal do editorial e, também, dúvidas genuínas sobre o Arquivo para a gente ajudar, também, na divulgação. Como surgiu a ideia do Arquivo Lésbico Brasileiro?

| PAULA - Eu acho que, conforme eu fui terminando a minha pesquisa de mestrado – eu terminei em dezembro de 2019 –, foi me dando uma inquietação sobre o que fazer com o material que eu vinha reunido. Isso foi algo que eu compartilhei com as outras colegas de um grupo que a gente tinha, um grupo

informal no WhatsApp sobre imprensa lésbica. Nem todo mundo estudava comunicação ou jornalismo, mas, às vezes, usavam a imprensa lésbica como fonte. Então aquele era o tema que nos unia. Essa preocupação deixou de ser só minha. Para as outras, também foi uma questão pensar na continuidade das pesquisas. Particularmente, para mim, pesou muito, também, a questão de eu pensar que fui bolsista, né? A gente pode discutir todas as questões dos limites do financiamento de pesquisa no Brasil, mas eu não achava certo, também, que eu, tendo sido uma pesquisadora financiada com recursos públicos, reunisse uma série de materiais, que eu não conseguiria esgotar os estudos com a minha dissertação, e não tornar aquilo acessível. Principalmente considerando que, não só imprensa lésbica, mas lesbianidade em geral é um tema cujas fontes têm um acesso bem difícil. A partir daí, eu dei esse chacoalhão em algumas pessoas desse grupo, que eram mais próximas de mim, com quem eu tinha mais intimidade, e falei: “bom, então eu acho que a gente devia fazer alguma coisa para facilitar o acesso às fontes”. E a ideia de fazer o arquivo, com essa cara legal, com CNPJ, uma instituição formal dentro dos padrões exigidos por lei, foi, também, para dar uma proteção para aquilo. Porque, por mais que isso tenha surgido dessa iniciativa de um grupo de colegas pesquisadoras, a ideia era que aquilo se mantivesse por mais tempo. Aí, a gente

sabe, pegando a trajetória de grupos, não só grupos lésbicos, mas acho que grupos de ativismo no geral, às vezes, quando a gente não tem essa configuração de instituição, a gente não tem esse caráter permanente. E as coisas ficam desprotegidas, a gente não tem uma proteção legal, mesmo, uma proteção social daquele patrimônio, a garantia de que ele vai continuar sendo acessível e que vai resistir a desentendimentos, términos, etc.

I KLEIRE - Obrigada, Paula. A outra pergunta que nós elaboramos vai em direção também do seu trabalho publicado em 2019, “Trajetória da Imprensa lésbica no Brasil (1981-1995): uma história possível para (re)-pensar o jornalismo”. Você menciona muito nesse trabalho a ausência da produção intelectual que paute a imprensa lésbica. O Arquivo, de certa forma, também foi uma ideia para contrariar essa invisibilidade?

I PAULA - Sim, sim, acho que foi uma resposta coletiva ao apagamento ou à tentativa de apagamento, porque, principalmente agora, no atual momento que a gente vive, embora a gente não possa falar que imprensa lésbica ou lesbianidade sejam um tema que não provoque o interesse das pessoas – sim, provoca, mas não tanto quanto outros temas – também tinha a questão de disponibilidade de fontes.

Então, sim, tem o problema de fontes, mas o que a gente tem já poderia dar robustez para vários estudos. O Arquivo, de alguma forma, tenta responder a isso, falar, assim, “olha, sim, tentaram nos apagar, mas a gente está fazendo coisas e olha aqui o tanto de material que temos produzido”. É, basicamente, isso: uma resposta coletiva a essa tentativa de apagamento.

| KLEIRE - E essa ideia do Arquivo, a gente percebe que a memória lésbica é muito permeada de eventos de muita violência, em sua trajetória histórica, principalmente o desenvolvimento da lesbianidade no Brasil - é uma trajetória violenta, né? Você vê o Arquivo como uma forma de fazer justiça a essas violências que essas mulheres sofreram, uma certa forma de trabalho de memória, de justiça por essas mulheres que passaram por essas questões de violência e foram negligenciadas pela justiça do Estado?

| PAULA - Olha, eu acho difícil fazer uma afirmação tão categórica nesse sentido, porque é aquela coisa: justiça que demora não é justiça. Mas eu acho que é uma tentativa de impedir que outras violências assim aconteçam, principalmente se elas estiverem relacionadas à destruição de registro, destruição de memória, de acesso à cultura, de acesso à história. Acho que a gente não consegue mais reparar o que

aconteceu, mas a gente, de alguma maneira, está tentando fazer com que o nosso futuro seja diferente do que foi o passado. Então, tem relação, mas acho que fazer justiça, mesmo, acho que a gente não consegue, infelizmente.

| KLEIRE - Nesse sentido, a gente percebe que os arquivos são muito importantes, [são] um constructo para a produção de novas narrativas históricas e também para dar respaldo para outras pesquisadoras. O desenvolvimento do Arquivo, você sente que houve uma busca, uma procura, de pesquisadoras por ele? Você acredita que ele pode ajudar a aumentar essas pesquisas na área?

| PAULA - Eu acredito que sim. A nossa biblioteca virtual ainda não está pronta, mas algumas pessoas já entraram em contato pedindo materiais ou perguntando onde poderia encontrar, já que a nossa biblioteca ainda não estava disponível. E eu acho que isso é importante de várias maneiras. Uma é que, às vezes, até facilita para que as pessoas que se interessam por esse tema possam justificar e falar “olha, têm fontes, isso não é coisa da minha cabeça”. Também acho que é interessante porque mostra que nós temos feito coisas, apesar das tentativas de pagamento e, também, acaba sendo... Como eu posso dizer? De alguma forma, ele também pode provocar o surgimento de outras pesquisas ou de novas

dimensões para pesquisas que já estão em andamento, uma vez que a gente, finalmente, consegue dar uma publicidade maior e fazer isso de maneira mais acessível do que em outros períodos. Acho que muita gente que estuda ou estudou lesbianidade sabe como é difícil. Às vezes, você precisa se deslocar para ir em arquivos em outras cidades e, às vezes, os sistemas de busca não são muito claros, você descobre quase que por acaso que lá tinha alguma coisa falando sobre isso. Então, agora que tem essa especificidade, o Arquivo Lésbico, acaba sendo uma espécie de norte, né? Não posso dizer que a gente vai ter tudo, não é essa a nossa missão, mas o que a gente tiver a gente vai facilitar o acesso. Então acho que, nesse sentido, sim, pode facilitar novas pesquisas, pode provocar o interesse por novas pesquisas, novos temas. Eu mesmo queria ter pesquisado várias outras coisas, quando eu olho para o meu tema de mestrado, as coisas que eu fui esbarrando enquanto eu fazia a minha dissertação... mas não dá, você tem que escolher.

| KLEIRE - Indo nesse sentido que você menciona essas fontes e o Arquivo como uma biblioteca virtual, também. Eu gostaria de saber um pouco mais como foi a reunião desses arquivos, como esses arquivos foram reunidos, foram fontes pessoais que você conseguiu, doações?

| PAULA - Então, boa parte do acervo do Arquivo é resultado daquilo que o grupo que fundou reuniu enquanto fazia suas próprias pesquisas, TCC, dissertação, tese. É basicamente isso. Boa parte do acervo é composto por livros, principalmente livros acadêmicos ou, então, de literatura voltada para lésbicas. Para reunir esse material, é um pouco difícil dar essa resposta, porque a gente está nesse processo de catalogação e digitalização do acervo. Mas é basicamente isso: o que compõe o material do acervo, a parte central, são as coisas que nós reunimos enquanto a gente estava pesquisando. Se eu não me engano, a comissão fundadora teve sete pessoas, então, documentos, livros, etc. dessas oito pessoas. E tem, também, materiais que foram doados para a gente, de ativistas, por exemplo a Marisa Fernandes, a Bebeti do Amaral Gurgel. E, também, entrevistas. Entrevistas de história oral. Muitas de nós, que fazemos parte desse grupo que fundou o Arquivo, trabalhamos com essas entrevistas. E, aí, elas também se tornam um documento. Nem todo mundo disponibiliza depois a íntegra das entrevistas. Eu fiz isso na minha dissertação, mas nem todo mundo faz, não é uma obrigação. Mas esse material é muito interessante. E aí, a gente voltou a fazer contato com as pessoas que a gente falou, enquanto fazíamos as pesquisas, e pedimos autorização para liberar esses materiais no Arquivo - a ideia é que a gente tenha, também, um banco de história oral. Então, acho que esses são os principais

arquivos que a gente vai ter no nosso acervo.

| KLEIRE - Outra questão, é muito interessante pensar que antes do Arquivo, como você menciona, foi construída uma rede de apoio entre vocês, nesse grupo informal que você menciona. Você sente que o Arquivo, para além dele em si, se tornou um movimento, um movimento político de ativismo lésbico?

| PAULA - Não sei se eu posso dizer que ele se tornou. Eu acho que a própria ideia de que ele exista, quando a gente colocou as cartas na mesa e decidiu que iria ser, já foi uma ação política. Porque foi a gente decidindo que não ia aceitar mais que se falasse em apagamento, que as fontes fossem de acesso difícil, que outras pessoas que estavam fazendo pesquisas como as nossas passassem pelos mesmos perrengues. Eu acho que, quando eu estava fazendo a minha dissertação, eu fiz dez viagens, para entrevistar gente, para consultar arquivos. E eu fiz isso porque eu tinha ajuda da minha, então esposa, fiz isso por causa da ajuda dos meus pais, porque eu era bolsista. Só que não é todo mundo que faz isso, as pessoas não têm que passar por isso. Então, eu acho que a gente ainda está se dando conta da dimensão que o Arquivo vai tomar, ainda pode se tornar uma coisa política maior, como você fala na pergunta, mas essa ideia da gente se reunir e,

literalmente, falar um “não” para o apagamento porque agora vai existir um arquivo que é exclusivamente lésbico e que vai ser acessado de maneira gratuita por quem quiser já é uma ação política. Antes mesmo de se tornar essa coisa maior que a gente poderia dar o nome de movimento.

| KLEIRE - A composição do arquivo, das organizadoras, das fundadoras, dos colaboradores, ele é completamente feito por mulheres lésbicas ou tem adesão de outras pessoas do movimento ou para além do movimento?

| PAULA - O Arquivo pode ser integrado por qualquer pessoa que se interesse pelo tema ou que queira colaborar com a causa, de qualquer gênero, de qualquer identidade de gênero, de qualquer expressão de gênero, mas apenas lésbicas podem ter cargos de diretoria, digamos assim. Então, esse cargo que eu ocupo, que é de diretora-geral, o cargo de diretoria administrativa, financeira, a controladoria, tudo isso só pode ser ocupado por mulheres lésbicas ou pessoas, que se declarem lésbicas - nem todas as lésbicas se dizem mulheres [é o caso das pessoas não-binárias, por exemplo]. Mas isso é [porque] uma organização lésbica precisa ter o protagonismo lésbico, mas tem outras pessoas que não podem ser classificadas como lésbicas que estão no Arquivo. Por exemplo, o Caio C. Maia foi fundador do

arquivo, também, junto com a gente, ele é um homem trans. Ele foi uma lésbica por mais de 30 anos, mas agora ele é um homem trans. Embora ele tenha participado da fundação do Arquivo, ele não tem cargo de diretoria, [mas] isso não impede que ele faça coisas importantes, mesmo que ele não tenha cargo executivo nenhum. Tem mulher bissexual no nosso Arquivo, também. Então, isso não é um impeditivo. A grande questão é perceber quem está do nosso lado, quem pode nos ajudar, e reunir esforços, porque acho que a luta é conjunta. Acho que não faria sentido desprezar a colaboração de outras pessoas, que têm interesse em ajudar. E é literalmente ajudar, não é tirar o nosso protagonismo. Então, acho que é basicamente isso. Agora, o Arquivo, além das funções executivas, de diretoria, que é muito mais uma coisa para cumprir as formalidades do que para parecer importante, como o nome dos cargos sugere, tem outras divisões. A gente tem uma comissão de acervo e patrimônio, que é o coração do arquivo, tem a comissão de comunicação e cultura e a comissão administrativa. Participar dessas comissões é uma opção das pessoas que integram. Então, se elas quiserem, podem participar e, por lá, elas também conseguem ter funções importantes. Por exemplo, a gente participou da Semana Nacional de Arquivos e, aí, foram pessoas que não tinham cargos que se encarregaram da gente participar desse evento. Então é isso, pensar que nos cargos de direção

estão as lésbicas, mas outras pessoas podem colaborar de outras maneiras a partir das comissões ou de maneira pontual com voluntariado.

| KLEIRE - Indo de encontro a isso, você sentiu uma boa adesão do movimento lésbico em relação ao Arquivo, tanto na divulgação? Lembrando que o Arquivo Lésbico é um arquivo virtual e ele tem uma página no Instagram que tem alguns bons seguidores e ele faz publicações diárias sobre questões ligadas ao Arquivo e até a sua divulgação. Então, reiterando a pergunta, você sente uma boa adesão, divulgação, do movimento em si?

| PAULA - Então, eu acho que ainda é complicado falar isso porque o Arquivo não está pronto, a gente só passou a ter uma “cara pública”. Então, a gente não tem uma biblioteca ainda para dizer “olha, tem várias pessoas acessando, tem várias pessoas dizendo para acessar, incentivando outras”. É complicado bater esse martelo porque a gente ainda não fechou, a biblioteca ainda está sendo desenvolvida pela programadora. Mas as outras coisas que a gente tem feito, participações em eventos, o próprio evento de lançamento do arquivo, isso é indiscutível: todo mundo que a gente contactou, seja as pessoas que a gente conhecia diretamente ou pessoas que a gente chamou só porque sabia que eram de grupos lésbicos, tinham uma atuação

importante. Todas elas foram unânimes em participar, em divulgar e tudo. E isso foi bem importante. Eu tinha muito receio de [o Arquivo] ser visto como uma iniciativa que fosse imatura, que não pudesse ser levada a sério, por causa da nossa idade, o fato de a gente não ter uma trajetória tão longa quanto a das pessoas que a gente estava convidando para participar. Tipo, é a ABL, LBL, sabe? E, pontualmente, algumas pessoas que não estão em grupos fechados, mas têm uma trajetória antiga, tipo a Marisa Fernandes. Então, eu tinha muito receio. E pelo fato, também, de o grupo que deu origem ao Arquivo ser um grupo de acadêmicas - não que acadêmicas não possam ser ativistas também, mas o que fez a gente chegar na ideia do Arquivo era a pesquisa. Não foi o movimento em si, a participação de grupos em si, mas isso não foi uma questão. Todo mundo que a gente contactou nos deu parabéns pela iniciativa e agradeceu e ainda bem [risos].

| KLEIRE - Você mencionou o ativismo virtual e, desde a crescente de produções digitais, vem surgindo um termo chamado ativismo virtual. Você vê o Arquivo como uma forma, também, de ativismo virtual, para além do seu espaço de memória?

| PAULA - Olha, eu nunca parei para pensar nisso, eu vou pensar nisso agora, respondendo você. Eu acho que sim.

Eu acho que pode ser visto, sim, principalmente se considerar também que o ódio às lésbicas, às feministas, às pessoas LBGTs, às pessoas, digamos assim, desses grupos considerados “minorias sociais”, entre aspas, se dá muito pelas redes. Assim, muita rede de desinformação, de preconceito, de discriminação, circula a partir da internet. Então, estar na internet, promovendo esse tipo de conteúdo, facilitando que as pessoas tenham acesso ao seu próprio passado, que possam fazer suas pesquisas sobre lesbianidade, eu acho que nesse sentido a gente pode dizer sim, que é uma forma de ativismo virtual. De certa forma, acho que acaba sendo também uma questão que tem um... Como eu posso dizer? Acho que é uma maneira segura de as pessoas encontrarem essa informação. Eu não estou sabendo, exatamente, que palavra dizer, mas, por exemplo, se a gente criasse um arquivo que tivesse uma sede física, colocasse aquilo no centro da cidade e colocasse lá: “Arquivo Lésbico”, isso podia ser perigoso para a gente, podia ser perigoso para os documentos, podia ser perigoso para as pessoas que fossem consultar. Então, também tem essa perspectiva do ativismo, mas que é um ativismo que, de alguma maneira, não te expõe quando você está tentando acessar. Acho que era isso que eu queria falar... Demorei um pouco para achar as palavras porque eu não sabia exatamente como pontuar essa questão, mas eu acho bem importante, porque, inclusive, às vezes

as pessoas se sentem ameaçadas com essa coisa de estar fora do armário. Imagina, você vai fazer sua pesquisa de TCC e, de repente, você foi tirada do armário porque todo mundo te viu entrando no Arquivo Lésbico.

| KLEIRE - Isso vai muito de encontro também com a questão propriamente do Arquivo que, lembrando para quem for ler a entrevista, que muitas mulheres não compravam a imprensa alternativa justamente por esse medo dessa exposição, de “olha, meu Deus, eu não vou comprar esse jornal porque vão achar que eu sou lésbica, vão saber que eu sou lésbica”. Então, é muito interessante também essa premissa do ativismo virtual, essa questão de o arquivo ser virtual porque cria um certo conforto também para quem tem curiosidade de saber mais sobre essa questão. Para finalizar, Paula, já para encerrar, como posso aderir ao Arquivo Lésbico, como eu posso me tornar uma colaboradora?

| PAULA - Então, normalmente, quando a pessoa quer se filiar ao Arquivo, a gente manda o estatuto para ela, para que a pessoa leia, saiba como a gente funciona, tenha noção do que faz cada pessoa que ocupa cargo na diretoria e os outros cargos que existem. Também, quais são os nossos princípios, porque acho que às vezes é óbvio, mas é sempre bom reafirmar essas coisas, que o

Arquivo não faz qualquer tipo de discriminação, seja de gênero, de raça, de religião, de capacidade. Então, às vezes isso precisa estar bem claro, porque, não sei, nem sempre as pessoas levam isso em consideração, acham que só a causa lésbica é importante, mas, não, nós sabemos que existem outras populações oprimidas e nós somos aliadas a elas. Isso é uma questão bem importante para a gente no Arquivo. Bom, depois que a pessoa dá uma olhada no estatuto, tira as dúvidas e tudo mais, a gente envia a ficha de filiação e a partir daquele momento a pessoa pode fazer parte, ela pode escolher fazer parte como uma colaboradora, assim, só de maneira eventual, mas aí ela não participa das decisões, das assembleias e tudo. E ela também pode se filiar como uma integrante efetiva, daí ela participa sim, não é obrigatório, né? Ninguém vai te odiar se você não tiver tempo para participar das reuniões, mas quando você quiser, quando você puder, você vai ter esse direito se você tiver escolhido se filiar nessa modalidade. Depois que você se filia, você pode compor as comissões que eu falei, de acervo, de comunicação, a comissão administrativa, pode não compor nenhuma, se quiser. E é basicamente isso. O Arquivo também tem uma anuidade, que é para manter os custos básicos, para pagar pela manutenção do site porque o site precisa ser feito, mas tem que pagar pelo domínio, pelo servidor, todas essas coisas. Mas tudo isso também é

negociado. A gente é um grupo diverso e a gente sabe disso. Então, tem pessoas que pagam anuidade integral, tem gente que paga metade, tem gente que não paga nada. Isso vai de acordo com as suas possibilidades, mesmo, não pensem “não tenho dinheiro, então não posso participar do Arquivo Lésbico”. Não, não pensem isso. Acho que é basicamente isso sobre como fazer parte. Tem o e-mail do arquivo:

arquivosbicodobrasil@gmail.com ou, então, o Facebook e o Instagram, as pessoas podem entrar lá, que é @arquivosbicobrasileiro, e pedir para a gente enviar o estatuto ou tirar dúvidas sobre como fazer parte, sobre como doar material etc.

| KLEIRE - Sobre a questão para além da colaboração, a colaboração financeira, existe algum método para se fazer essa colaboração, para ajudar financeiramente o Arquivo, existe alguma vaquinha, alguma conta bancária para fazer essas doações?

| PAULA - Sim, sim. Tem o PIX do arquivo, que é arquivosbicodobrasil@gmail.com, o nosso e-mail, vocês podem fazer doações de qualquer valor, e também podem usar esse mesmo e-mail para enviar comprovante, caso vocês precisem, para declarar no Imposto de Renda. No perfil do Arquivo, tem o post com os dados da conta bancária

([https://www.catarse.me/ArquivoLesbico Brasileiro](https://www.catarse.me/ArquivoLesbicoBrasileiro)), mas, se a pessoa quiser, a gente pode gerar um boleto, o que for melhor para pessoa.

| KLEIRE - Para também doações de materiais é o mesmo e-mail para contato? Para doação é só encaminhar o material? Como é feita essa doação?

| PAULA - Isso. Normalmente, as pessoas entram em contato com a gente por e-mail, aí a gente manda um termo de doação, que foi elaborado pela Ísis, que é a nossa integrante bibliotecária, junto com as advogadas do Arquivo. Então, a gente vê o que a pessoa tem para doar, em diferentes formatos, livros, documentos, revista, pôster, CD, filme etc. A pessoa preenche o que ela vai doar, que ela está cedendo os direitos para o Arquivo, para a gente usar na Biblioteca Virtual etc, assina, e aí está feita a doação.

| KLEIRE - Então, é isso, Paula, muito obrigada pelo seu tempo. Inclusive, se você quiser deixar uma mensagem para nossa Revista do arquivo para as pessoas que forem ler, pode ficar à vontade, também, para a gente finalizar. Muito obrigada.

| PAULA - Eu agradeço muito pela oportunidade de estar aqui, falando sobre o Arquivo e também sobre a minha pesquisa. É sempre um privilégio

poder compartilhar um pouco do que a gente tem feito, do que a gente tem construído, com outras pessoas. Queria parabenizar vocês também pela iniciativa de produzir essa revista. Acho que nem sempre foi possível fazer isso e agora a gente vive um momento muito particular, politicamente falando. E acho que em qualquer tempo já seria um grande feito, existir uma revista como essa, existir o Arquivo Lésbico, mas nesse momento em particular acho que se torna ainda mais importante porque a gente está, não só existindo, mas também dando visibilidade para as nossas produções, criando pontes com outras pessoas que são iguais a gente, ou que se identificam com as mesmas causas, e acho que isso é um ato de resistência muito importante.

| KLEIRE - Agora, aproveitando o gancho, você menciona essa questão do momento político que nós vivemos, o Arquivo sofreu alguma perseguição desde as eleições, a formação do Arquivo até agora, ele já sofreu algum caso de perseguição, alguma coisa nesse sentido?

| PAULA - Não, a gente fez a reunião, que foi a assembleia de fundação, no dia 19 de dezembro do ano passado, já tinha passado a eleição. Não sofremos nenhum ataque, nem direto nem pelas redes sociais. Não sei se é porque a gente não é tão conhecida, ainda, talvez

chegue o dia, mas ainda não, por enquanto o que a gente encontrou foram só pessoas ou apoiando ou curiosas para saber quando a biblioteca finalmente vai ficar pronta. Ainda bem.